

## DOSSIÊ – CORPO EM MOVIMENTO

### APRESENTAÇÃO

*“Nosso tempo é especialista em criar ausências: do sentido de viver em sociedade, do próprio sentido da experiência da vida. Isso gera uma intolerância muito grande com relação a quem ainda é capaz de experimentar o prazer de estar vivo, de dançar, de cantar. E está cheio de pequenas constelações de gente espalhada pelo mundo que dança, canta, faz chover. O tipo de humanidade-zumbi que estamos sendo convocados a integrar não tolera tanto prazer, tanta fruição de vida. Então, pregam o fim do mundo como possibilidade de fazer a gente desistir dos nossos próprios sonhos.” (KRENAK, 2019, p.27)*

Ailton Krenak fala do tempo que vivemos, no qual cultiva-se uma cosmovisão desencantada, que dispensa a alegria, os sentidos, o movimento, o contato fusional com a natureza e, por isso, reforça uma cultura extrativista descomprometida com a totalidade da existência humana no mundo. Contudo, fala também da resistência que, segundo o autor, é o que religa o humano ao mundo, multiplicando os sentidos na existência. Por isso, dançar, cantar, comungar com a natureza são compreendidas como formas de “adiar o fim do mundo” (KRENAK, 2019).

Ao abrir esse dossiê, sugerimos que o leitor esteja disponível para apreciar uma imersão pouco habitual em escritas que solicitam uma qualidade de atenção imbricada na dimensão intelectual e na dimensão corporal, simultaneamente. Isso porque há nesses trabalhos tentativas de desplanificar o humano e suas relações com o mundo; empenhos teóricos e reflexivos sensíveis que procuram traduzir conceitualmente experiências da dimensão corporal, o que representa um grande desafio.

Tais experiências acontecem em diferentes âmbitos: da prática pedagógica na educação básica e também no ensino superior, da pesquisa, em práticas relacionadas à yoga, à dança, nas reflexões filosóficas, abrindo caminhos novidadeiros que convidam e arriscam a estar no mundo - e na educação - multidimensionalmente, sendo corpo e edificando epistemologias que não prescindem do mesmo.

Encontraremos palavras, termos, expressões, metáforas, neologismos que procuram espessar a sensorialidade do que é dito. *Corpos cheios, corpos-leitura, corpos vibráteis, corpos sensíveis, corpos afecções, corpos-capitalísticos, corpo-mercadoria, narrativas corporais, desenho corporificado, audição corporal, corpo cartógrafo* entre outras, são formas encontradas



pelos diferentes autores que compõem esse dossiê para falar do corpo não como uma abstração, mas como senso (LE BRETON, 2013).

Iniciamos o dossiê com o trabalho *O modelo do corpo na filosofia de Espinosa e a pedagogia do comum: conversas com quem gosta de geléia de groselha*. Nele, Luiz Renato Paquieta Givigi procura em tal modelo filosófico oportunidades de conceber a educação a partir de uma perspectiva em que o corpo é constitutivo de todo o processo de conhecimento, pois, explica o autor, que a mente, nessa ótica, está enredada no aspecto afetivo da dimensão corporal e, portanto, não se pode apartar conhecimento e afecção. Afetar e ser afetado é atributo de tudo que existe. Trata-se de uma cosmologia integrada da qual o humano faz parte como um ser composto de muitos seres. O movimento de conhecer seria tal que busca encontros constitutivos dessa composição: *encontros alegres*. A conversa seria o método de uma *pedagogia do comum* que não disputa um ponto de vista dominante, mas que convida a experimentar ideias inusitadas, cultivando a capacidade de afetar e ser afetado pelo outro, em composições que extrapolam um suposto âmbito subjetivo e derrama ao coletivo, irrigando o *deserto de sociabilidade* que construímos.

Seguindo esse mesmo referencial filosófico, Alberto d'Avila Coelho e Angelina Monica Monteiro dos Santos no trabalho *Educação como corpo-afeção: leitura e crianças em fabulações* procuram compreender se é possível conceber a educação como acontecimento que deriva do corpo em movimento, fomentando algo inédito, criativo, imprevisível a partir de uma ideia de contágio entre o modo como uma professora-leitora é afetada pelas leituras que realiza e o modo como as crianças com as quais trabalha são, em decorrência disso, convidadas e provocadas a produzir suas próprias fabulações. Fabulações essas que são meios de interagir criativamente com a realidade, empurrando, burlando, driblando seus limites. Novamente, trata-se da projeção de afetos que partem de uma pessoa, de uma experiência individual e repercutem no coletivo.

No texto *Escuta com o corpo inteiro: o exercício de abertura atencional como experiência sensível nos processos de aprendizagem*, Cristiane Bremenkamp Cruz, Maria Elizabeth Barros de Barros têm como ponto de partida o trabalho da percussionista Evelyn Glennie, que experiencia a escuta não como uma função do aparato auditivo, mas como um somatório de senso-percepções simultaneamente táteis, visuais, sonoras, intuitivas que podem ser desenvolvidas e sensibilizadas. A escrita é repleta de metáforas que colocam o leitor em condições propícias para compreender as

*Revista Interinstitucional Artes de Educar. Rio de Janeiro, V. 5, N.3- pág. 392-400 set-dez de 2019: "Educação Corpo em movimento."* – DOI: 10.12957/riae.2019.47363

ideias sutis e potentes que as autoras abordam ao longo do trabalho. Assim, determinada qualidade atencional de disponibilidade e escuta se apresenta não somente como concepção, mas como convite e experiência nessa leitura que gentilmente seduz a tal abertura. Os paralelos que costumam entre educação e escuta são pertinentes para refletir sobre as práticas pedagógicas.

Em seguida *Nomadismo, currículos e cotidianos escolares: ou uma política nômade para o corpo*, Carlos Eduardo Ferraço e Marina de Oliveira Delmondes referenciam-se no campo da *filosofia da diferença* para construir uma argumentação teórica vigorosa e coerente, que sugere a necessidade de deslizar politicamente a outras formas de existir nas quais os corpos, em sua força e potência de conectividade e afetação mútua, resistam coletivamente à normatização, ao aprisionamento a uma identidade pré-programada, à funcionalização da vida subtraída como meio de produção capitalista, a fim de que possam expandir-se em redes de solidariedade, abertura, indeterminação que derretem, pouco a pouco, essa configuração.

Segundo os autores, na escola a reprodução de tais práticas sobre os corpos se apresenta por meio de documentos normativos que norteiam os currículos. Contudo, essa disposição política outra incita a *curricular*, operando o currículo como ação criativa que oxigena o ambiente escolar e dispersa o sufocamento que o currículo muitas vezes impõe sobre as práticas educativas. Trata-se, assim, de militar por uma *política nômade* como instrumento de combate à política hegemônica provocando diferenças, variações, desvios daquilo que se pretende previsível. A prática de uma *educação menor* que permite composições inéditas na coletividade vívida dos encontros em cada contexto escolar é aposta do autor e autora.

*De toques sutis a voadoras: por uma ética educacional a partir dos corpos*, de autoria de André Bocchetti, tematiza a experiência de um curso de extensão universitária na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) que inclui a prática da Biodanza. Trata-se de uma abordagem corporal em saúde e educação centrada na ampliação do reconhecimento e produção de si a partir do movimento. Trazendo o conceito de ética e de construção de si de Michel Foucault e os estudos de José Gil, o autor constrói pensamentos que se debruçam sobre uma educação atenta às corporeidades, *não somente de um ponto de vista do corpo dito “orgânico” ou “objetivo”, como fazem por exemplo muitas das críticas à colonização dos corpos no espaço escolar, mas também partindo de uma corporeidade fundada no e pelo acontecimento.*

No trabalho intitulado *Para pensar o apagamento ritualizado dos corpos na creche: adultos, bebês, atividades*, Luciana Ostetto e Patrícia Bonfim trazem reflexões a partir de uma pesquisa de doutorado em andamento sobre *as interações corporais entre adultos e crianças* no berçário de uma creche mineira, considerando o corpo como construção sócio-cultural e, portanto, constituído também nas relações que ali se desdobram, das quais o corpo necessariamente participa. Tais interações ora favorecem, ora empobrecem as *narrativas do corpo* tanto das professoras quanto das crianças, a depender daquilo que se prioriza e da forma como acontecem os eventos cotidianos e extra-cotidianos no berçário.

Adriane Soares dos Santos, Daniela Guimarães e Deise Arenhart se debruçam e analisam como o corpo atua nas interações de adultos e crianças de dois anos de idade, numa creche pública federal no Rio de Janeiro. O trabalho *Corpos cheios de si e do outro: encontros entre adultos e crianças na creche* desvela a permeabilidade e participação ativa da linguagem corporal nas relações que acontecem ora por iniciativa das crianças, ora por iniciativa dos adultos, em suas evidências notórias e sutis. Fala também, embora não como uma categoria de análise, das relações das crianças e adultos consigo mesmos. Falam de corpos que se enchem e esvaziam de acordo com o modo como se desdobram as interações com o outro e com o mundo.

As questões da Educação Infantil também estão presentes em *Experiências estéticas na Educação Infantil, práticas pedagógicas desenhadas pela arte*, de Silva e Zamperetti. Neste artigo as autoras apresentam uma pesquisa de mestrado que teve como objetivo central indagar sobre os espaços e tempos promovidos pelos professores de Educação Infantil com vistas a favorecer a ocorrência de experiências estéticas no cotidiano das crianças. A pesquisa se dá em uma escola do município de Pelotas, Rio Grande do Sul, onde observam os espaços, as práticas e conversam com as docentes. Sinalizam a dificuldade encontrada pelas professoras pesquisadas de garantir a presença da dimensão estético-artística nos espaços de Educação Infantil, o que atribuem à escassez, em suas formações, desse tipo de experiências.

O texto *(Ex)posições de um corpo vibrátil: considerações sobre corpo e humanização*, escrito por Renata Ramos e Thomaz Baldow destaca, por meio de narrativas biográficas, experiências em que é possível explicitar relações entre corpo e humanidade dentro e fora do contexto escolar. Contudo, primeiramente questionam o que seria “humanidade”, desvelando ser este um conceito em disputa a ponto de operar sentidos legitimadores de ações desumanas. Por

meio de tais narrativas, os autores desenvolvem paralelos com elementos da fotografia e, depois, da música, para construir argumentos que falam do corpo vibrátil como lugar a partir do qual se é humano, por sua capacidade de afetar e ser afetado e que, por isso, é também alvo de ações desumanizadoras. As vibrações dos corpos contagiam, harmonizam e sofrem interferências dos demais corpos: um estado desejável, humanizador.

Em *O Jogo como experiência estética: aprendizagens de um corpo biográfico na formação de professores*, as atrizes e professoras Zanella, Lorenzoni e Santos trazem a concepção de corpo biográfico em cena, como aquele no qual se inscrevem as experiências vividas e as heranças culturais que repercutem nos modos de ser, agir e fazer no mundo. As autoras apostam no jogo teatral como possibilidade de mobilizar esse corpo biográfico, *provocando a criação e a atuação no aqui-agora* que repercute na docência e possibilita o acontecimento da experiência estética, aqui entendida a partir de Gadamer (2015) como *um acontecimento, um encontro, um processo revelador que descobre a realidade como um acontecer* (HERMANN, 2010, p. 115), *podendo provocar um abalo, uma sensação de suspensão*.

No trabalho *A corporeidade e a análise funcional do corpo no movimento dançado em diálogo com outras práticas corporais* Letícia Teixeira procura integrar diferentes experiências que compõem sua vasta prática profissional de formação em dança iniciada junto a Angel Vianna, apropriando-se do conceito de corporeidade por meio de referenciais teóricos e sensíveis, a fim de expandir a ideia cartesiana de corpo que é *incapaz de conceber o corpo vivo, mutável, imprevisível e paradoxal*. Com isso a autora fala de uma didática do sentir que, fundada na corporeidade, promove a integração de *estruturas somáticas, coordenativas e perceptivas e simbólicas*. Uma didática especialmente potente para a formação de bailarinos.

O que acontece quando a linguagem corporal é utilizada como estratégia pedagógica na formação de professores de Educação Física no contexto universitário? As pesquisadoras Ângela Bersch e Eliane Piske encontraram em sua pesquisa que a linguagem corporal apresentou-se como instrumento de fortalecimento subjetivo e autoformação que contribui para o enfrentamento de situações adversas, resultando em um acréscimo de resiliência, plasticidade, auto-conhecimento no sujeito em formação. Disso trata o texto *Linguagem corporal na promoção de resiliência: uma prática educacional com acadêmicos do curso de Educação física*.

No ensaio teórico *Corpo infantil, artefatos culturais e o processo de pedofilização social*, Raimundo José Pereira da Silva e Jackson Ronie Sá-Silva, se amparam nos Estudos Culturais em educação para problematizar a construção contemporânea dos corpos infantis, desvelando que os conteúdos midiáticos e publicitários, com forte apelo de consumo sobre as crianças, acabam por precipitar a adultização das mesmas com representações que apelam a padrões de beleza, gênero, sexualidade e erotizam a imagem infantil. Com isso os autores introduzem o conceito de *Pedofilização social* e se perguntam sobre a cumplicidade e responsabilidade coletiva diante desse processo de vulnerabilização da criança em meio a um paradoxal contexto em que à criança se deve o direito à proteção.

Em *Alice em aulas de matemática: o relato de uma estudante com artrogripose no ensino regular*, Dilson Ribeiro analisa o relato de uma estudante da Educação Básica com artrogripose. Desse modo, o autor visa desmistificar ideias que rotulam os deficientes físicos como pessoas que tenham dificuldades de aprendizagem. Toma-se como referência, aulas de Matemática em uma Educação Inclusiva cujo destaque é o respeito à singularidade e à diversidade. Na análise final o autor sublinha a relevância de se considerar as habilidades dos estudantes nas propostas de ensino, a despeito de suas dificuldades.

*Educação em coletivos: possibilidade de transbordar mundos e reinventar sentidos* deriva de uma pesquisa narrativa na qual Geisa Nascimento conta, de maneira autoral e implicada, a trajetória de construção de uma prática educativa coletiva da qual participam adultos e crianças interessados em construir processos educacionais significativos, comprometidos com as infâncias, emancipatórios, democráticos, anti-racistas. Processos esses formativos de todos os envolvidos nessa coletividade: homens, mulheres, crianças. Reflexões referentes ao corpo perpassam toda a narrativa.

O artigo *O lúdico e sua relação com as metodologias ativas: reflexão acerca das possibilidades do fazer pedagógico* de Souza e Salvador, traz o recorte de uma investigação de mestrado que se propõe a refletir acerca da relação entre o lúdico e as metodologias ativas voltadas para as práticas educativas. Para isso abordam o conceito de lúdico e de metodologias ativas, articulando-os com o debate sobre as práticas pedagógicas. Defendem a partir da revisão bibliográfica da pesquisa, que a incorporação das práticas ativas nas salas de aula pode favorecer

uma relação mais prazerosa com a aprendizagem e a promoção de propostas de ensino em que os sujeitos expressam suas identidades.

Abrindo os Relatos de Experiência dessa edição, a educadora física e professora de yoga Vitória Benvenuto leva o leitor a navegar em sua história formativa -pessoal e profissional- e compartilha seu mergulho na prática de Yoga que ressignificou suas experiências na faculdade de educação física. Tal prática a transforma e encoraja a uma nova compreensão do corpo e da formação acadêmica numa perspectiva de integração, algo determinante em sua prática docente de Yoga.

Em *Anatomopoesia: uma proposta pedagógica de integração de saberes*, Vanessa Matos - bailarina, fisioterapeuta, professora e pesquisadora - apresenta o nascimento de tal proposta a partir, principalmente, de suas experiências enquanto aluna e, depois, enquanto professora na Faculdade Angel Vianna. Seu contato com a metodologia dessa mestra da dança, somados a sua formação como fisioterapeuta permitiu amalgamar ciência e arte de maneira única. Os conhecimentos científicos da anatomia, fisiologia, biologia ganham densidade e aprofundamento nas experiências *somestéticas* proporcionadas pela forma como as aulas de *anatomopoesia* acontecem. Saber-se corpo é diferente de saber sobre o corpo. Integrar uma coisa e outra é o objetivo deste trabalho de pesquisa.

O último relato de experiências é feito pelas arte-educadoras e pesquisadoras Virna Bemvenuto e Leticia de Oliveira apresentam o projeto “O Corpo nas Artes Visuais no CAP - UFRJ”, intitulado *(Per)formações de um desenho incorporado*. Nele trazem importantes reflexões a respeito das condições como o corpo é vivido e sentido no ambiente escolar. Elas se perguntam se seria possível habitar esse ambiente sem que haja um escopo normativo e condicionante do corpo. Tal questionamento se desdobra em uma proposta de desenho com o corpo todo, que desnatura os modos habituais de estar presente e corresponder às atividades escolares. A atividade de *desenho corporificado* é objeto de reflexão deste trabalho.

Pedro Ziroldo, ator, psicólogo, educador e mestre em Artes da Cena, traz uma resenha do livro *Fases da vida: da gestação à puberdade* de 2018, o mais recente de Ivaldo Bertazzo. Mobilizado pela sua busca pessoal por uma abordagem teórico-prática do corpo que rompesse com as perspectivas predominantemente racionalistas, que tendem a subdividir o homem apresentando uma relação de domínio da razão sobre o corpo, e do pensamento sobre a sensibilidade, o autor

*Revista Interinstitucional Artes de Educar. Rio de Janeiro, V. 5, N.3- pág. 392-400 set-dez de 2019: “Educação Corpo em movimento.” – DOI: 10.12957/riae.2019.47363*

encontra nos princípios do método Bertazzo uma perspectiva educacional que considera os sentidos, a experiência vivida, a sabedoria corpórea e o conhecimento psicomotor. Zirolto vivenciou ele próprio o método e a escolha do livro para resenhar é movida pela admiração e identificação pela/com a obra do mestre.

Adriana Alves, bailarina, professora e mestranda em Dança, nos permite conhecer um pouco mais Ivaldo Bertazzo, entrevistando esse expoente no campo da Educação Corporal que tem há mais de 30 anos desenvolvido trabalhos no campo das artes, da cultura, da educação e do esporte. A entrevista é precedida por uma contextualização dos princípios do método Bertazzo e de suas obras, situando a forma como o mestre pensa o movimento e a contribuição de sua proposição para a educação. Para ele, nas palavras da entrevistadora, *o trabalho corporal é possibilidade para despertar e conectar o sujeito em sua integralidade ao momento presente e desenvolver a consciência sobre os fatores psicomotores que são essenciais para a manutenção de um bom equilíbrio dinâmico na vida*. Nessa perspectiva é possível pensar pedagogias outras, afirma Alves, mais empáticas ao corpo, onde aprender/ensinar não prescindem dessa dimensão em sua essencialidade dinâmica.

As diversas escritas apresentadas aqui têm alguns traços em comum: falam do corpo como construção cultural e não apenas biológica; convidam-nos a pensar o corpo como protagonista nos processos formativos individuais e coletivos singularmente vivenciados em todos os espaços sociais; referem-se à necessidade de sensibilizarmo-nos sensório-perceptivamente, ou seja, pelas vias corporais, a fim de conhecermo-nos corpo e agirmos de forma potente a partir dessa perspectiva de afetação mútua.

A produção dessa edição envolveu um número expressivo de pessoas de várias localidades do país (e de fora dele!), entre autores, pareceristas e colaboradores para sua revisão. Campos distintos do conhecimento - dança, filosofia, matemática, Educação Infantil, Educação Física, artes etc.- debruçaram-se sobre um tema que é presente em todas as atividades humanas: nossa corporeidade. Agradecemos a todos que participaram dessa realização e desejamos uma ótima leitura!

---

## **REFERÊNCIAS**

KRENAK, Ailton. **Ideias para adiar o fim do mundo**. São Paulo: Companhia da Letras, 2019.

LE BRETON, David. **Antropologia do corpo e modernidade**. Tradução de Fábio dos Santos Creder Lopes. 3 ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2013.